

## RESENHA

# “REIMAGINING PAN-AFRICANISM: DISTINGUISHED MWALIMU NYERERE LECTURE SERIES 2009-2013”

de Wole Soyinka, Samir Amin<sup>1</sup>

Ermelinda Liberato<sup>2</sup>

Qualquer pesquisa ou estudo relacionado com o continente africano apresenta-se incompleto se não abordar a questão do pan-africanismo, movimento político, filosófico, e social, que advoga a união e a libertação de todos os africanos, quer se encontrem no continente quer na diáspora, contra a política de dominação estrangeira, seja do ponto de vista físico (escravatura, trabalho forçado e exploração), emotivo ou intelectual, tendo por isso, constituído, a base ideológica de diferentes movimentos nacionalistas africanos. Nomes como Kwame Nkrumah (Gana), Julius Nyerere (Tanzânia), Jomo Kenyata (Quênia), Haile Sellassie (Etiópia), Nnamdi Azikiwe (Nigéria), Kenneth Kaunda (Zâmbia), Amílcar Cabral (Guiné Bissau), Marcelino dos Santos (Moçambique) entre outros, figuram entre os mais destacados pan-africanistas do continente.

De entre estes, o destaque vai para Julius Nyerere, primeiro presidente da República Unida da Tanzânia no período compreendido entre 1962 (data da sua independência do Reino Unido) e 1985 (data em que se retirou) e reconhecido pelo seu apoio a diversos movimentos nacionalistas africanos. “Moçambique, Zimbabué, Namíbia, África do Sul, Uganda, República Democrática do Congo, Burundi, Ruanda, Somália, Sudão” (172), são apenas alguns exemplos de países cujos movimentos nacionalistas operaram a partir da Tanzânia. Nyerere foi o autor da *Arusha Declaration*

---

<sup>1</sup> Soyinka, W. & Amin, S. (org.) (2015) *Reimagining Pan-Africanism: distinguished Mwalimu Nyerere lecture series 2009-2013*. Oxford: African Books Collective.

<sup>2</sup> Faculdade de Ciências Sociais, Universidade Agostinho Neto, Luanda, Angola. E-mail: ermelinda.liberato@gmail.com

(1967), documento onde delinea a política de *Ujamaa* (unidade ou família) que ficou conhecida como socialismo africano, assente nos princípios de igualdade entre os homens e na defesa de uma sociedade humana. Foi igualmente um dos fundadores da Organização de Unidade Africana (OUA), criada a 25 de maio de 1963 (então denominado dia de África) em Adis Abeba, na Etiópia, e da SADC (Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral), criada em 1992 e cujo objetivo principal passa pela integração regional e erradicação da pobreza na parte sul do continente através do desenvolvimento económico, garantindo ao mesmo tempo a paz e a segurança.

Em homenagem a um dos líderes mais carismáticos de "África e da sua diáspora" (170), a Universidade de Dar es Salaam criou o *Mwalimu Julius Nyerere Research Program in Panafrikan Studies* (Programa de investigação em estudos sobre o pan-africanismo, Julius Nyerere), cujas intervenções do primeiro ciclo de palestras se publica na presente obra. Issa Shivji, um dos académicos e intelectuais mais respeitados do continente, docente da referida instituição, bem como pan-africanista, foi indicado como o primeiro *chair* (presidente) do programa, posição que ocupou até se ter aposentado, em janeiro de 2014, tendo sido substituído pela sua colega, Penina Mlama. A Issa Shivji coube assim a responsabilidade de introduzir cada um dos palestrantes antes das suas alocações, lembrando aos presentes não só o seu percurso profissional, mas sobretudo, o seu papel enquanto africanos, cidadãos, intelectuais, na produção de conhecimento no e sobre o continente.

Na introdução da obra, *Resurrecting Radical Pan-Africanism* (restauração radical do pan-africanismo) Issa Shivji apresenta os principais objetivos do projeto, ou seja, a constituição de um espaço de debate sem qualquer conotação política, tendo como pilar principal os ideais de filosofia política de Nyerere de "libertação, unidade africana, igualdade entre todos os seres humanos assente na equidade (socialismo)" (XII). Shivji lembra ainda que se trata de um programa que se fundamenta na autoconfiança, independência (sobretudo na escolha dos palestrantes anuais) e com meios próprios, ou seja, sem qualquer financiamento externo de doadores internacionais, condições nem sempre fáceis de cumprir na medida em que, como o próprio Shivji nos diz, se está sujeito a todo o tipo de pressões, seja da própria universidade, seja de doadores interessados em patrocinarem a causa (XII), sendo que os objetivos só foram possíveis de serem alcançados assente sobretudo em "orçamentos modestos e serviço voluntário" (XI).

Durante cinco anos ininterruptos, cinco intelectuais africanos, oriundos de diferentes partes do continente (Nigéria, Egipto, Etiópia, Quênia, Malawi), com perspetivas e percursos profissionais distintos, e tendo o pan-africanismo e a figura de Julius Nyerere como ponto de

partida, refletiram sobre a situação e a posição do continente em relação ao resto do mundo. A diversidade das apresentações, que vai desde a análise econômica, sociológica, antropológica, política, filosófica, cultural, histórica, entre outras, permitiu estabelecer um diálogo multidisciplinar, comprovando assim a importância do cruzamento de fontes na produção de conhecimento. Os palestrantes deste primeiro ciclo foram: Wole Soyinka (2009), Samir Amin (2010), Bereket Habte Selassie (2011), Mícere Githae Mũgo (2012) e Thandika Mkandawire (2013).

Wole Soyinka, escritor nigeriano e único africano a receber o prêmio nobel da literatura, em 1986, foi o primeiro palestrante a dar o seu contributo para esta iniciativa. Essa figura incontornável da intelectualidade africana, continua fiel aos seus princípios e assume a sua “faceta na luta contra a tirania” (3), como nos diz Issa Shivji na sua apresentação do escritor. Wole Soyinka divide a sua apresentação em dois momentos: no primeiro - *Whose empire is it anyway?* (de que império se trata?) - define, utilizando exemplos práticos, como o Império Romano e mais recentemente os Estados Unidos, o que entende por imperialismo e a evolução das suas características ao longo dos séculos, ou seja, a criação de *Novos Impérios*. No segundo momento - *Anything to do with slavery?* (qual a relação com a escravatura?) - foca a sua análise na política imperial colonialista, como a submissão e a escravatura, para explicar a contínua posição de subordinação do continente em relação ao resto do mundo.

Durante a sua apresentação, Soyinka identifica os Estados Unidos da América como um dos maiores imperialistas contemporâneos, sendo Wall Street o centro moderno do imperialismo pois “*when Wall Street sneezes, the world catches cold*” (quando Wall street espirra, o mundo se constipa) (9). “*The evil empire*” (o império do mal) (36), como lhe chama Soyinka, estabelece um tipo de “*imperial relations*” (relações imperiais) (35) assente sobretudo numa relação de subordinação do resto do mundo face ao seu poderio, seja económico, militar, político, cultural, intelectual. Soyinka vai mais longe na sua análise e identifica a globalização, também designado pelo escritor como “*bordless empire*” (império sem fronteiras) (24), como a nova e mais temível forma de imperialismo global; assim como o imperialismo cultural, sendo a música o seu principal instrumento de consolidação. O escritor termina a sua apresentação com uma crítica às principais organizações institucionais do continente, nomeadamente, a União Africana e a Liga Árabe, como responsáveis pela contínua relação de subordinação do continente em relação ao exterior, na medida em que “abandonaram todas as bases morais de protesto” (49), assim como os ideias sobre os quais assentam as suas bases fundacionais, ou seja, o pan-africanismo.

Dando continuidade às reflexões de Wole Soyinka, Samir Amin traz

a debate uma das lutas mais difíceis que o continente tem travado, a sua *longa estrada para o socialismo*. Para este egípcio que se tornou "socialista aos 6 anos de idade" (58) e cujo sonho era mudar a sociedade, a análise da situação africana deve ser ainda mais profunda. Samir Amin inicia a sua exposição com uma breve apresentação histórica sobre o aparecimento, evolução e diferentes crises que o capitalismo tem enfrentado desde a sua constituição até ao presente. O autor afirma que "historicamente o capitalismo 'real' esta associado a sucessivas formas de acumulação e desapropriação" (60) e que, o capitalismo contemporâneo é acima de tudo um capitalismo de "oligopólios" (65), que tem conduzido ao declínio da democracia (65), a "destruição do meio ambiente e da vida no planeta" (95), a desapropriação, e a subordinação dos chamados "povos do sul", criando conflitos entre o norte e o sul, que pode ser entendido como um conflito entre o capitalismo e o socialismo. O declínio da democracia significa, sobretudo, o declínio do socialismo pois, de acordo com Samir Amin, "não pode haver socialismo sem democracia assim como não pode haver um progresso democrático fora do prospeto socialista" (87) daí que o autor prefira utilizar o termo "democratização" (92), ou seja, um processo em constante construção e atualização.

Em relação a Africa, o autor defende que o continente não esta "marginalizado" (97) de todo esse processo como tem sido apregoadado pelo mundo fora. De acordo com o autor, "Africa mergulhou na escuridão da colonização" (108), da qual precisa de se libertar e esse processo de libertação também deve ser visto e analisado à luz do processo de democratização e de construção socialista. A semelhança de Soyinka, também Amin aponta a globalização, encabeçada pelos Estados Unidos, como o principal imperialista contemporâneo, responsável pela implantação de um regime de "Apartheid numa escala global" (66), e conseqüentemente pelo caos em que o mundo se encontra. De igual modo deixa uma crítica aos intelectuais africanos, que se deixam influenciar pelo exterior e que apresentam o grande projeto da renascença africana como "grandiloquo, nacionalista e irrealista" (108), defendendo que o continente precisa de um "renascimento autêntico de pensamento que seja audacioso, independente e esteja à altura do desafio" (108).

Bereket Habte Selassie, o terceiro convidado para o "festival intelectual Julius Nyerere" (115) foca a sua apresentação nas origens históricas do pan-africanismo, das *fronteiras coloniais à unidade africana*. Selassie recua no tempo e relembra o papel e o trabalho realizado pelos "pais" do pan-africanismo: DuBois, Marcus Garvey, George Padmore, Aimé Cesaire, Leopold Sedar Senghor e Leon Damas. Estes últimos darão início, posteriormente, ao movimento da negritude, encarado como uma "*weapon*

*of resistance*” (arma de resistência) (123) da defesa da cultura negra. Selassie parte deste ponto para chegar a Frantz Fanon (aluno de Aimé Césaire) e do seu papel na luta pelos direitos dos povos negros. A apresentação de Selassie estaria incompleta se não mencionasse igualmente a criação da *Presence Africaine - Revue Culturel du monde noir* (Revista cultural do mundo negro) - em 1941, pelo senegalês Alioune Diop, que, como o seu subtítulo indica, visava sobretudo a consciência e afirmação dos povos negros, dando voz a sua luta cultural e política, já expressa pelo pan-africanismo e pela negritude.

Selassie realça ainda o papel dos pan-africanistas africanos que, inspirados e influenciados por estes movimentos, deram continuidade a sua luta no interior do continente, com destaque para a figura de Kwame Nkrumah “*a prophet of African liberation and unity*” (um profeta da libertação e unidade africana) (135), que via o socialismo como o “sistema que melhor serviria as necessidades de Africa em acomodar as mudanças causadas pelo capitalismo” (130) e que conduziu o Gana, à independência, sendo o primeiro país do continente a fazê-lo. O autor dedica a última parte da sua apresentação às mulheres africanas, lembrando a sua contribuição na “luta de África pela unidade e pelo progresso” (134). Embora não tenha salientado nenhum nome, destaca sobretudo a criação da “Pan-African women’s liberation organization (PAWLO)” (134), que visa sobretudo dar voz e reconhecimento às mulheres engajadas na luta pelos direitos das mulheres africanas.

A terminar, o autor aponta a fraqueza das instituições africanas como a principal causa do déficit democrático e dos constrangimentos que o continente enfrenta, daí que faça um apelo aos africanos em geral “precisamos de uma nova geração com mais Wole Soyinkas e Samir Amins para ajudar a quebrar a barreira intelectual que está a bloquear a nossa transição para a tão necessária unidade” (153). Selassie reconhece que o “pan-africanismo ainda é um objetivo distante, mas os princípios fundadores foram estabelecidos e instilados na mente dos africanos” (135), basta que deixem florescer e se comece a refletir além das aparências.

Mícere Githae Mũgo, a única palestrante feminina deste primeiro ciclo de palestras, traz à reflexão o papel da *arte, artistas e o desabrochar do pan-africanismo nas zonas libertadas*, indo ao encontro do seu perfil enquanto docente, artista, ativista e pan-africanista. A apresentação de Mícere distingue-se das anteriores pelo fato desta utilizar a “*orature*” (oratura) como ferramenta principal, definida pela própria como “a arte da palavra falada” (167), “*engaging the audience as active participants, inviting their response and soliciting their affirmation*” (167), ou seja, convidando os presentes a dialogarem com a mesma, a medida que fosse fazendo a sua apresentação.

Em seguida, a autora presta homenagem a figura de Julius Nyerere, ao seu projeto de união e unidade africana e apoio aos movimentos nacionalistas e seus intervenientes na luta de libertação, realçando sobretudo o seu papel na promoção da educação e cultura africana pois para ele a "cultura é a alma da nação" (174). E a partir daqui a autora irá dissertar sobre a sua importância na luta de libertação, mas sobretudo na criação de zonas libertadas. Dos vários exemplos dados pela autora, o destaque vai para o papel da cultura na libertação da mente "a primeira zona a ser libertada" (187) e da importância de memória pois, "se ignorarmos o papel da cultura e das artes, meus amigos, teremos perdido uma arma importante para completar esta missão obrigatória" (194).

A autora realça ainda a iniciativa da Universidade de Dar es Salam pela criação do programa em Estudos Pan-Africanistas, que vê como a continuação da tradição de abertura de novos espaços para a evolução intelectual de zonas africanas libertadas. Porém, à semelhança de Samir Amin, deixa uma crítica aos intelectuais e pesquisadores africanos afirmando estarem "demasiado ocupados a aperfeiçoarem, num jargão modernista, cansado e reciclado, teorias ocidentais, ao invés de se tornarem inventores" (187), ou seja, criarem as suas próprias teorias, adaptadas à sua realidade.

À guisa de conclusão, Thandika Mkandawire faz um balanço do que foram os *50 anos de independência* da maioria dos países africanos. Embora o autor tenha como subtítulo "*personal reflections*" (reflexões pessoais), estas englobam uma reflexão mais profunda sobre as temáticas abordadas pelos palestrantes anteriores, bem como levam os africanos no geral a refletirem sobre as mesmas, o que faz com transite de um campo de conhecimento para outro, ou seja, desde a política, economia, questões de desenvolvimento, entre outros.

De uma forma simples e estruturada, Thandika nos apresenta os acontecimentos que fizeram com que o projeto pós-independência não alcançasse os resultados esperados. O crescimento ilusório do período pós-independência, a crise da dívida que começou no México, mas que rapidamente se alastrou ao resto do mundo, afetando sobretudo o continente africano, a degradação das condições de vida dos africanos em geral durante a década de 1980, também conhecida pela década perdida do continente, caracterizada pela aplicação dos programas de ajustamento estrutural, aumento da pobreza e da fome, dos conflitos armados. A década de 1990 começou por apresentar uma esperança de mudança com o crescimento económico registado a partir de 1995, fazendo com que ressurgisse o sentimento nacionalista. Porém o otimismo foi de curta duração pois, a maldição dos recursos, a falta de transparência no processo de privatização, a fragilidade do continente em termos de negociações, rapidamente deram

lugar à desilusão pois, como o próprio autor afirma, “as pessoas não podem comer democracia” (224).

Thandika aproveita igualmente a oportunidade para demonstrar a sua desilusão e frustração pela ignorância das jovens gerações em relação ao passado colonial e a luta de libertação, pois, “um povo que esquece o seu passado está condenado a repeti-lo” (249). Por outro lado, admite que até ao momento, não só o “projeto do pan-africanismo não correu muito bem” (249) como, citando Nyerere, “a OUA transformou-se num comité de ditadores” (249). No entanto, o autor apresenta-se otimista em relação ao futuro, depositando a sua “esperança na próxima geração” (251). Porém, para que a situação se altere e sejam bem-sucedidos, é necessário que o “pan-africanismo volte a ser uma ideologia de um movimento social, desta vez mais comprometido com o processo democrático e assente em noções de solidariedade e autossuficiência coletiva” (249). Para o efeito, devemos continuar com essa “luta sublime” (252) de união e audacidade.

No cômputo geral, a obra mostra-nos que muito ainda temos que explorar sobre o pan-africanismo, daí a necessidade contínua de debate sobre a temática. Fica igualmente comprovado que a ideologia e a essência do movimento continuam vivas, adaptando-se às dinâmicas e as transformações que as sociedades vão sofrendo, daí que subscrevemos a posição defendida por Samir Amin quando este defende que o continente não está marginalizado em relação ao resto do mundo mas apenas a dar os seus próprios passos. Concordamos que o cenário atual é diferente daquele que serviu de base para a fundação do pan-africanismo, porém, as preocupações que antes dominavam os seus fundadores continuam presentes: a exploração, a predação, a dependência, a subordinação psíquica e intelectual, para salientar apenas algumas, e que tem conduzido, numa perspetiva micro, à contínua degradação das condições de vida dos africanos e numa perspetiva meso e macro, a uma periferização do continente e dos africanos em geral.

Trata-se obviamente de uma obra destinada ao público em geral, com destaque para os académicos que se dedicam ao estudo do continente, dada a maturidade com que os assuntos foram abordados. Com certeza que a sua publicação vem enriquecer a pesquisa sobre África. Porém, há alguns aspetos que podem e devem ser melhorados no futuro. Primeiramente, a tradução da obra para outras línguas oficiais do continente, para que os falantes não anglófonos possam ter acesso a mesma uma vez que o pan-africanismo diz respeito aos africanos em geral e não apenas àqueles que dominam a língua inglesa. Se advogamos a união e unidade africana, e sobretudo, que África fale a uma só voz, é preciso estar informado e atualizado em relação à informação. Por outro lado, apesar de considerarmos

que a escolha dos palestrantes foi a acertada, gostaríamos de ver um maior equilíbrio de gênero, ou seja, mais mulheres, a participarem nesse tipo de iniciativa, dado que, dos cinco palestrantes, apenas uma é do sexo feminino. O que não espelha a realidade africana, pois, como reconheceu Selassie, as mulheres também desempenharam um papel importante na defesa do pan-africanismo e na luta pela independência e unidade africana, assim como na produção de conhecimento.

Iniciativas como esta são, obviamente, de louvar e aplaudir. Primeiramente, louvar a Universidade de Dar es Salam pela criação do programa com as características já apresentadas, numa altura em que cada vez mais a questão financeira determina o desenvolvimento de qualquer atividade, sobretudo as de cariz intelectual e cultural, confirmando o grande legado de Mwalimu Julius Nyerere. De louvar igualmente a disponibilidade dos palestrantes que, apesar dos seus compromissos profissionais, não deixaram de responder a chamada e de darem o seu contributo à iniciativa, enriquecendo desta forma o debate.

De aplaudir igualmente a iniciativa do Projeto MUSE de disponibilizar a obra gratuitamente na sua plataforma, para que os utilizadores das instituições com as quais tem convénio, possam ter acesso e descarregar gratuitamente. Esperemos que essa rede de convénios se continue a expandir, sobretudo com as instituições africanas, para que os africanos no geral tenham acesso à diversidade de material publicado.

Por último, mas não menos importante, a apologia vai para o Professor Issa Shivji, pois, como o próprio afirma, "iniciativas como estas são portanto, difíceis de sustentar e podem não ser sustentadas. No entanto, elas devem ser tomadas - para sustentar a esperança e dar um vislumbre sobre o que pode ser feito, mesmo que não está sendo feito" (Shivji: XIV).

*Recebido em 4 de fevereiro de 2017.*

*Aprovado em 4 de maio de 2017.*